



RACISMO

Preconceito com motivação política

Personalidades prestam solidariedade a cantor e a humorista vítimas de atos racistas em Porto Alegre e São Paulo

» JOÃO GABRIEL FREITAS*

JOHN MACDOUGALL/AFP



Ofendido durante show em um clube no Rio Grande do Sul, o cantor Seu Jorge lamentou o episódio: "Ódio gratuito e grosserias racistas"

Reprodução/Instagram



Eddy Júnior sofreu ataques de vizinha no prédio onde mora em SP

Presente na sociedade de forma aberta ou disfarçada, o racismo muitas vezes usa de subterfúgios para se esconder. O presidente do clube gaúcho onde o cantor Seu Jorge foi vítima de gritos racistas, Paulo José Kolberg Bing, disse à polícia que a motivação das manifestações discriminatórias contra o artista teria sido um gesto feito por ele em referência ao candidato à Presidência da República Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O caso aconteceu no último dia 14, em Porto Alegre, mas Bing depôs apenas na quinta-feira passada.

De acordo com a delegada responsável pela apuração, Andréa Mattos, o gestor afirmou que a razão do crime pode ter sido um evento "isolado". Segundo a delegada, o presidente alegou não ter visto nenhuma atitude racista contra Seu Jorge, apesar de estar presente durante toda a apresentação. Em nota, o clube Grêmio Náutico União reforçou que já disponibilizou todas as informações cabíveis à Delegacia de Polícia de Combate à Intolerância e está aberto para cooperar com a investigação.

O cantor se pronunciou sobre os ataques que sofreu no show e os descreveu como "grosserias racistas". O artista relatou a frustração com a capital gaúcha, que, em suas palavras, "aprendeu a amar". "Presenciei muito ódio gratuito e muita grosseria racista", disse. A manifestação do cantor foi seguida por uma série de personalidades que prestaram solidariedade à luta negra no país. A cantora Paula Lima, o jogador Daniel Alves e a jornalista Flávia Oliveira ressaltaram a necessidade de se enfrentar o racismo.

Nas redes sociais, o governador do Rio Grande do Sul, Ranolfo Vieira Júnior (PSDB), lamentou o fato e disse que a atitude racista contra Seu Jorge não representa o estado. Sebastião Melo, prefeito de Porto Alegre, também repudiou os gritos contra o cantor e se colocou contrário à politização do caso. "O combate ao preconceito não pode ser

politizado", escreveu no Twitter.

O Movimento Negro Unificado enviou, na quinta-feira, um pedido de apuração à Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos Humanos de Porto Alegre. A pasta requer a investigação e a responsabilização das pessoas envolvidas, assim como do clube

Grêmio Náutico União (GNU), o episódio. Dessa forma, o Ministério Público do estado já iniciou buscas de provas e de suspeitos por meio da Polícia Civil.

Politização

Para Beethoven Andrade,

presidente da Comissão de Igualdade Racial da OAB-DF, atualmente os preconceitos vêm sendo expostos sob a alegação de debate ideológico. Andrade comentou que a politização da sociedade brasileira, sobretudo em meio às eleições deste ano, tem sido usada como plano de fundo para atacar minorias e manifestar ideais criminosos. "A fim de defender uma ideia política, em tese democrática, acabaram se banalizando algumas pautas, principalmente ligadas às minorias. Em nome do livre debate, não houve combate ao racismo ou aos outros tipos de discriminação."

Na avaliação do advogado, as pautas eleitorais aumentaram a exploração da imagem negra e evidenciaram os movimentos da sociedade brasileira contra as falas de minorias. "Isso se deve à cultura escravocrata que mina a voz negra. A exploração da imagem da pessoa negra continua dentro de uma cultura ainda muito preconceituosa, que tem se evidenciado até no entretenimento."

Três dias após o caso em Porto Alegre, o humorista Eddy Jr, de 28 anos, foi vítima de ações racistas em São Paulo. O comediante postou, na segunda-feira, um vídeo que mostra uma mulher gritando "Fora, macaco!" para ele. Nas imagens, ela ofende o rapaz na tentativa de expulsá-lo do prédio onde ambos moram. Desde então, Eddy deixou o apartamento e está hospedado em um hotel. Já Elizabeth Morrone foi multada, segundo o condomínio, em R\$ 4 mil. Além disso, cerca de 100 manifestantes, entre eles os artistas Paulo Vieira, Rafael Portugal, Mariana Ribeiro, Bruno Helal e Lore Improta, protestaram em frente ao condomínio pedindo a expulsão de Morrone do prédio.

Diferença judicial

A advogada Patrícia Guimarães explicou que a maior dificuldade para julgar ações discriminatórias é tipificar a situação como racismo. Guimarães argumentou que muitos casos no



A fim de defender uma ideia política, em tese democrática, acabaram se banalizando algumas pautas, principalmente ligadas às minorias. Em nome do livre debate, não houve combate ao racismo ou aos outros tipos de discriminação"

Beethoven Andrade,
presidente da Comissão de Igualdade Racial da OAB-DF

Brasil são enquadrados como injúria racial, cuja pena é mais leve e prevê pagamento de fiança, devido à tendência da população de "subdimensionar" atos racistas.

Conforme Patrícia Guimarães, injúria está atrelada a ofensas discriminatórias. Já racismo deve conter algum vínculo impositivo, como quando alguém é impedido de entrar em um estabelecimento ou se matricular em um curso pela cor da pele. "Temos uma lei, mas ela não é seguida à risca. O racismo estrutural existe, mas é tratado como frescura. Precisamos que a população e as autoridades, as delegacias, se conscientizem a respeito dessa diferença e que valorizem a luta negra. Só assim começaremos a punir de verdade a discriminação, pois hoje, vejo que muitas vezes fechamos os olhos para situações tão dolorosas para a população", finalizou a especialista.

*Estagiário sob a supervisão de Odail Figueiredo

VIOLÊNCIA

SP: casal passa 3 horas nas mãos de sequestradores

ESTADÃO CONTEÚDO



Policiais prendem um dos suspeitos de ter mantido casal como refém

» TAINÁ ANDRADE

Um casal viveu momentos de tensão, ontem, em São Paulo, durante um sequestro que durou cerca de três horas, na Zona Norte de São Paulo, mas terminou sem vítimas. Agentes do Grupo de Ações Táticas Especiais (Gate), especialistas em solucionar casos de sequestro, e da Polícia Militar (PM-SP) conseguiram libertar o casal que era feito refém por três criminosos. Um dos bandidos foi preso, mas dois conseguiram fugir.

O sequestrador preso, identificado como Bruno Benício Silva Carvalho, de 29 anos, tinha antecedentes criminais e estava cumprindo pena até agosto deste ano, quando aproveitou uma saída para os Dias dos Pais e não retornou. Ele foi levado até a Divisão Antissequestro para ser

indiciado pelos crimes de roubo e sequestro. Os dois criminosos que fugiram não foram encontrados até o momento.

A ação dos bandidos começou com a abordagem do casal na Avenida das Cerejeiras, no bairro de Vila Maria, Zona Norte. Por volta das 6h40, os criminosos conseguiram render o homem e a mulher, que estavam em um carro da marca Land Rover. A PM informou que começou a agir no caso após ter recebido denúncia pelo telefone de emergência 190. Os agentes conseguiram identificar o automóvel quando ele passou por um radar próximo ao Sambódromo do Anhembi.

Como a ordem de parar não foi obedecida, foi iniciada uma perseguição, durante a qual houve troca de tiros entre a polícia e os bandidos, que estavam armados. Na fuga, o veículo bateu em

um ônibus e em outro automóvel, o que fez o airbag ser acionado e provocou a quebra da roda dianteira. Nessa hora, dois dos sequestradores fugiram. Durante o sequestro, os bandidos obrigaram as vítimas a realizarem transferências por Pix de seus celulares.

A polícia cercou a área e iniciou negociações com o terceiro sequestrador por volta das 9h. Tenso, Bruno Carvalho solicitou água e cigarros, que foram levados ao carro por um robô. "Até então, ele estava muito nervoso. Depois, se acalmou um pouco. Ele voltou a ficar nervoso quando não conseguiu mais fazer, não conseguiu que os reféns fizessem mais depósitos por Pix", relatou o tenente-coronel do Gate Rogério Nery.

Com o objetivo de diminuir a exaltação do criminoso, os

policiais faziam chamadas de vídeo com Bruno. A namorada do rapaz foi levada ao local para convencê-lo a liberar as vítimas. A primeira a ganhar a liberdade, por volta das 9h50, foi a mulher, que estava no banco do motorista. Dez minutos depois, o homem, que estava ao lado do criminoso, também foi solto. A advogada de Bruno foi levada ao local por exigência dele. No entanto, a rendição só aconteceu após ele assistir a um vídeo em que a mãe pedia que ele se entregasse. Ao ser preso, Bruno estava com um ferimento na cabeça.

"Ele (criminoso) estava muito tenso durante todo o tempo, mas em nenhum momento, enquanto estivemos aqui, ele agrediu os reféns", explicou Nery. As vítimas saíram ilelas, mas foram levadas ao Hospital da Brasilândia em decorrência do choque sofrido.